



## ESPAÇO URBANO DE LAZER: O PARQUE DE USO MÚLTIPLO OLHOS D'ÁGUA DE BRASÍLIA

Janielly da Silva Lima<sup>1</sup>

### RESUMO

*Este trabalho buscou identificar o perfil dos visitantes do Parque Olhos D'Água e sua importância na qualidade de vida enquanto um espaço de lazer. A metodologia utilizada foi a aplicação de um questionário com 350 pessoas e entrevistas semiestruturada. A análise dos dados demonstrou que grande parte de seus visitantes mora nas suas redondezas e que consideram importante ter um parque perto de casa para praticar exercícios físicos. Concluiu-se que o Parque se constitui um espaço de lazer, dada sua boa estrutura física e potencialidade em atrair as pessoas para participarem das atividades que acontecem no local.*

**Palavras-chave:** Lazer; Parques; Espaço Urbano

### Introdução

Brasília, enquanto capital da República, tornou-se um notável polo de atração regional. Neste contexto, a população cresceu exponencialmente e atrelado a esse crescimento, problemas nas esferas públicas de saúde, educação e moradia tornaram-se uma constante na cidade. Com a capacidade de abrigar um número determinado de habitantes, e dada as esperanças que pessoas depositaram na nova capital, o sonho de conquistar uma moradia e emprego regular revelou-se uma decepção com o passar dos tempos. Tais variáveis mal solucionadas contribuíram para mazelas sociais como o alto índice de desemprego e a ocupação desordenada e irregular dos espaços (OLIVEIRA, 2004).

Na medida em que as cidades foram se desenvolvendo tanto do ponto de vista físico, social, político, econômico, tecnológico e cultural, houve também a necessidade de se construir espaços que atendessem às demandas das populações por ambientes que proporcionassem lazer e entretenimento. Estes espaços seriam os parques urbanos, os quais carregam consigo características diversas e que atendem distintos públicos e necessidades.

A ideia de áreas que requerem cuidados especiais, as chamadas áreas protegidas, não é nova. Conforme Gomes (2004), essa necessidade de proteger vinha de atributos que determinados locais dispunham, tais como fontes de água, alimentação, plantas medicinais, isso sem contar com seu valor simbólico e religioso para alguns povos.

Parques norte-americanos como o Yellowstone, por exemplo, serviram de inspiração para a criação no Brasil de espaços que servissem à contemplação das pessoas,

---

<sup>1</sup> Professora de ciências, licenciada em Ciências Naturais pela Universidade de Brasília.  
[limanielly@gmail.com](mailto:limanielly@gmail.com)



além do reconhecimento da necessidade de protegê-los. Estaria envolvida agora, a preocupação em se conservar ecossistemas ameaçados.

Os parques urbanos são espaços públicos que têm suas origens a partir dos ingleses, franceses e americanos, e surgiram em situações específicas, tendo sido da competência do poder público municipal criá-los e mantê-los. Apareceram a partir das reivindicações por áreas verdes (BERNARDES, 2005, p. 46).

De acordo com Holmes (2008, p. 20),

[...] os Parques urbanos do Distrito Federal, são, atualmente, regulamentados pela Lei Complementar nº 265/1999 (Distrito Federal, 1999) que destina essas áreas ao desenvolvimento de atividades recreativas, culturais, esportivas, educacionais e artísticas, com o objetivo de conservar áreas verdes, proteger os recursos naturais e recuperar as áreas degradadas (arts. 5º, 6º e 7º).

A capital federal possui hoje 73 Parques criados por decretos e leis sendo sete deles localizados no Plano Piloto e sob a administração do Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Distrito Federal - Brasília Ambiental (IBRAM).

O Parque Olhos D'Água está situado na Asa Norte entre as superquadras SQN 413/414. Hoje com 15 anos, o parque dispõe de uma pista de Cooper de 2.1 km, parque infantil, circuito de exercícios físicos, banheiros, barracas de massagem, bebedouros, lixeiras, trilhas internas, duchas, administração e segurança interna. O Parque possui também, parcerias com órgãos públicos e privados sendo alguns deles responsáveis pelo zelo, benfeitorias, atividades de lazer e educação ambiental neste espaço.

### **Parques urbanos como espaços de lazer**

O lazer abrange atividades que as pessoas se envolvem nos momentos em que não estão trabalhando. Estas atividades podem ser de descanso, divertimento, culturais, ou seja, são atividades que o indivíduo escolhe por ter prazer de executá-las, cuja finalidade é se libertar do trabalho e tarefas profissionais, contribuindo para seu desenvolvimento humano.

De acordo com Suassuna et al (2007), o lazer é um dos direitos sociais e a população deve considerá-lo como um dos aspectos importantes para sua vida.

Sendo o lazer um direito social, subentende-se que é um direito que deve se estender a todos e sem distinção de qualquer natureza, no entanto, democratizá-lo implica democratizar também o espaço.

Os parques urbanos, por exemplo, podem se constituírem um ambiente de lazer onde apesar de estarem dentro ou próximo das áreas urbanas, dependendo de suas condições físicas, podem propiciar momentos agradáveis sejam para as práticas de atividades físicas ao ar livre, descanso ou simples visitaço.

Atualmente é notável o interesse cada vez mais intensificado da construção ou manutenção de espaços que primem pelo lazer, no entanto é preciso chamar a atenção para que o poder público compreenda sua função na vida social antes que estes espaços se tornem alvo de interesses maiores daqueles que visam o lucro diante da exploração da própria natureza do local, pois, “se o lazer é colocado pela sociedade capitalista enquanto



um momento de consumo, o espaço para o lazer também é visto como um espaço para o consumo” (MARCELLINO, 2008, p. 16).

Parques urbanos enquanto espaços vivos e de lazer são objetos de discussões sobre se o ser humano deve ou tem o direito de neles interferir, uma vez que muitos pensam que a natureza para se conservar tem de estar distante das mãos e ações humanas, sendo estas nocivas a sua existência. O que se percebe muita vezes neste tipo de conduta é o desconhecimento de atitudes e políticas de sustentabilidade, onde os sujeitos possam coabitar com a natureza ali existente e colaborarem para que ela se torne um espaço de lazer.

A implantação do Parque Olhos D’ Água na região onde se encontra hoje, além de preservar a natureza do local, tinha como outros objetivos proporcionar atividades de educação ambiental bem como se tornar um espaço de lazer que atendesse toda a comunidade.

Dessa forma, a presença humana na reivindicação da implantação de um parque em determinada localidade e a cobrança por melhorias ao poder público estabelece uma espécie de vínculo entre o espaço em questão e o próprio grupo. Este espaço passa então, a incorporar características que requerem cuidados, principalmente porque a relação entre elementos tais como educação, conservação ambiental e lazer são compatíveis. Prova disso é que sem a pressão popular e o senso de responsabilidade, seja individual ou coletiva, a sensibilização para a causa se torna enfraquecida.

Sendo a luta pela implantação ou manutenção de um parque urbano uma intenção humana, o lazer também se constitui como uma criação humana que se relaciona com as demais esferas da vida, pois, “participa da complexa trama histórico-social que caracteriza a vida em sociedade, e é um dos fios tecidos na rede humana de significados, símbolos e significações” (GOMES e PINTO, 2009, p. 99).

Termos como lazer e educação mantêm certa proximidade, uma vez que de acordo com Azevêdo (2007), o primeiro pode ser compreendido como uma prática educativa, pois, permite que o homem se desenvolva integralmente garantindo seu bem-estar e participação ativa no atendimento dos mais diversificados anseios.

## **Metodologia**

Atualmente, o Parque recebe muitos visitantes, embora não se saiba com exatidão o número de frequentadores que o visitam, pois ainda não existe um instrumento físico que produza esse dado (GOMES, 2004).

Para esta pesquisa foi aplicado um questionário contendo 15 questões, em um grupo teste composto por 20 pessoas. Feitas as devidas correções e ajustamentos, outros 350 questionários foram aplicados no local. As questões de número 10, 12 e 13 vinham acompanhadas de um asterisco, o que indicava que poderiam ser marcadas mais de uma alternativa. Essa informação estava no cabeçalho do questionário. Sua aplicação deu-se em um tempo de oito dias, incluindo dias úteis e finais de semana, nos períodos da manhã, tarde e noite.

A primeira parte, até a oitava questão do instrumento de pesquisa foi direcionada ao delineamento do perfil desses frequentadores, o que abrange questões sobre o sexo e



idade das pessoas, ocupação, horas que trabalha por semana, escolaridade, onde mora, média de frequência de visitação ao Parque, e há quanto tempo o frequenta.

Da nona à décima quinta questão pretendeu-se verificar se as pessoas conhecem como o Parque foi criado, quais os motivos que as levam a frequentá-lo, como consideram sua situação em relação à manutenção e estrutura hoje, quem elas acham que são os responsáveis por mantê-lo bem cuidado, a importância que atribuem ao fato de haver um parque próximo às suas casas, se conhecem ou já participaram de alguma atividade dentro do Parque e se pensam que os frequentadores podem contribuir para manter ou melhorá-lo. Essas questões buscam caracterizar a relação que o público estabelece com o Parque.

A segunda fase da coleta de dados foi constituída por entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistados o administrador do Parque, André Luiz Cordeiro de Mendonça, no dia 9 de abril de 2010, sendo esta entrevista concedida por e-mail; o Presidente do IBRAM, Gustavo Souto Maior Salgado, no dia 7 de maio de 2010, sendo gravada em um arquivo digital com um total de 52min14seg; um dos fundadores e participante da extinta Associação dos Amigos Protetores do Parque Olhos D'Água (S.A.P.O), Fernando Antônio Rodrigues Lima, no dia 9 de junho de 2010 e a diretora da Escola Classe da 415 norte, parceira do Parque, Nailda Maria da Rocha, no dia 15 de junho de 2010, ambos por e-mail.

### **Perfil do usuário e relação com o Parque**

O grupo amostrado é composto por 59,14% de mulheres, sendo que da população total envolvida na pesquisa, 38,28% têm entre 19 e 30 anos, 36,29% tem entre 31 e 50 anos e 17,14% tem mais de 50 anos.

Quanto à ocupação dos frequentadores, 31,14% é estudante, 28,57% é servidor público e 14% exerce outra atividade que não consta nas opções do questionário.

Em relação às horas que trabalham por semana, 33,43% trabalham 40 horas semanais, 25,71% não trabalham e 22,86%, trabalham 30 horas semanais.

Quanto à escolaridade, 47,14% tem ensino superior completo ou em andamento, 21,14% tem ensino médio e 18% tem especialização.

Com relação à média de frequência de visitação ao Parque, 27,71% frequentam-no eventualmente, seguido de 21,14% dos que o frequentam de 3 a 5 vezes por semana, 16,86% que responderam 1 a 2 vezes por semana, 14,29% diariamente, 11,71% que afirmaram frequentá-lo nos finais de semana e 8,29% que estão indo pela primeira vez.

Pouco mais da metade da população estudada, 50,57%, frequenta o Parque de 2 a 6 anos, enquanto que 34,29% o frequenta há menos de 2 anos, e 8,57% entre 7 e 10 anos.

Das 350 pessoas que responderam o questionário, 74,71% moram nas quadras circunvizinhas, enquanto que 17,24% se distribuem no entorno do Distrito Federal e outros estados brasileiros.

Considerando que a soma daqueles que frequentam o Parque de 1 a 2 vezes, 3 a 5 vezes por semana e diariamente, resulta em 52,29%, aliada ao fato de 73,43% residirem na Asa Norte, pode-se dizer que existe uma relação de afetividade e pertencimento dos frequentadores com o Parque devido a sua proximidade, ou seja:



O Parque Olhos D'Água é um exemplo de espaço público onde as pessoas parecem mostrar que atribuem um significado a ele. [...] Quanto maior o sentimento de pertencer a um local, maior a tendência de cuidado e preocupação com ele (SPEHAR; GUEDES; SILVA, 2001, p. 1).

Quando indagados se conhecem como o Parque foi criado, 72% responderam que não. Aspecto que chama muito a atenção porque na entrada principal existe uma placa que conta um pouco da luta da comunidade pela implantação do Parque no local.

Sobre os principais motivos que fazem as pessoas frequentarem o Parque, 33,8% responderam frequentá-lo para fazer atividade física. Resultado condizente com uma pesquisa realizada em 2001 por Spehar, Guedes e Silva, na qual a maioria das opiniões dos entrevistados, ser o Parque um lugar agradável para praticar exercícios físicos. A prática de atividade física como principal motivo pelo qual as pessoas procuram o Parque é bem explorada pela academia Fit Park, uma de suas parceiras.

Esta, pelo menos uma vez durante a semana monta seu estande em frente à entrada principal do Parque e dessa forma se disponibiliza a ensinar os frequentadores interessados a executar movimentos corretos de exercícios físicos.

Nesta questão vale destacar que as opções de “lazer” e “contemplação da natureza” quase que empatam em percentagem, são respectivamente 23% e 22,44%. Somente 22,44% responderam “contemplação da natureza”, o que mostra que este não é o principal motivo que os levam a frequentá-lo. Este é um aspecto inquietante no sentido de que a natureza ali disponível poderia ser melhor aproveitada, visto que possui um acervo vivo que tem o potencial de despertar a consciência para as questões ambientais e de qualidade de vida.

Uma possível explicação para isso talvez seja a relação de proximidade do significado destas duas opções para aqueles que buscam um lugar onde possam desfrutar de uma natureza exuberante, ao mesmo tempo em que o utilizem como um refúgio da corriqueira vida cotidiana de estudos e trabalho. Tal observação pode ser constatada principalmente nos finais de semana onde o número de visitantes que usufruem dos recantos e espaços diversos (além das pistas de caminhada) é superior se comparado aos dias de semana. Nos finais de semana nota-se uma maior diversidade daqueles que frequentam o Parque, pois nestes dias, muitas famílias aproveitam para levar crianças, idosos, fazer piqueniques, conversar sentados nos bancos espalhados ao longo do Parque e até mesmo se expor ao sol nos gramados.

Já na questão que se refere à importância de haver um Parque próximo às suas casas, 30,69% dos que responderam o questionário disseram ser pela existência de um espaço que contemple a natureza em meio às residências e comércio. A seguir, 28,7% consideram importante porque assim podem fazer suas atividades físicas sempre que possível. A escolha leva a crer que isso se deva à tumultuada vida nas grandes cidades, pois quando as pessoas retornam do trabalho, ou antes de irem, talvez queiram desfrutar de um ambiente mais naturalizado e afastado da agitação e problemas de ordem pessoal. É importante ressaltar também que a quantidade de atividades de lazer que acontecem nos finais de semana também é superior, se comparada aos dias de semana. Atividades estas



que têm a intenção de convidar as pessoas a participar. Entre essas atividades elencam-se a apresentação de números musicais, peças teatrais, meditação, massagem, yoga e outras.

De todos os respondentes dos questionários 62% consideram boa a situação em relação à manutenção e estrutura do Parque, 26,57% a consideram excelente e 5,14% responderam que a situação está precária. Entre aqueles que disseram que a situação está precária, apontaram para problemas na manutenção da Praça da Vitalidade, por exemplo, a qual está fora de funcionamento desde março deste ano.

Conforme relatado pelo presidente do IBRAM, embora somente no Plano Piloto existam cerca de setenta parques, apenas em torno de dez foram implantados e estão abertos à visitação. Segundo o mesmo, a maioria deles é conhecida como “parques de papel”, pois não dispõem da infraestrutura adequada para receber os visitantes.

Para ele, o Parque Olhos D’ Água, embora seja modelo de gestão para os outros parques, apresenta uma série de problemas, tais como a falta de estacionamentos que atendam a todos que se dirigem a ele de carro, problemas decorrentes da manutenção dos banheiros, a falta de respeito de alguns frequentadores que insistem em utilizar aparelhos de ginásticas destinados a pessoas com mais de setenta anos de idade, e também à nascente que se encontra fora da poligonal do Parque.

Em relação à responsabilidade por manter o Parque bem cuidado, e nesta questão mais de uma alternativa poderia ser marcada, 35,59% das pessoas marcaram que a administração tem maior parcela da responsabilidade, seguida pelos próprios frequentadores, o que representa 31,34%, número que supera em pouco mais da metade a quantidade de pessoas que consideram atribuição do Governo do Distrito Federal em cuidá-lo, ou seja, 14,65%. Baseado nesta informação pode-se inferir que os frequentadores tomam para si parte considerável da responsabilidade em cuidar e manter um patrimônio que lhes serve para diversificados fins, isto responde às expectativas de Salgado, quando afirma que a gestão e cuidado com os parques devem ser compartilhados, ou seja, que as partes interessadas em manter o privilégio de ter um parque a sua disposição, também devem reconhecer suas responsabilidades diante um bem público que atende a todos os segmentos da sociedade.

Apesar de apenas 12,13% das pessoas terem atribuído aos parceiros a responsabilidade por manter o Parque bem cuidado, as parcerias são de fundamental importância no seu funcionamento e manutenção.

A última pergunta do questionário tinha a intenção de verificar se os frequentadores acham que podem contribuir para manter ou melhorar o Parque. Nesta questão deveriam responder sim ou não e depois justificar. Esta questão era aberta e foi elaborada de modo que as pessoas pudessem se expressar livremente. Um total de 92,86% responderam afirmativamente. Aqueles que justificaram negativamente ao questionamento (2%), afirmaram que já pagam seus impostos em dia e por isso é dever do governo oferecer um Parque bem cuidado e com a devida manutenção.

Os 21,78% que disseram que os frequentadores podem contribuir para manter ou melhorar o Parque através da consciência, respeito e preservação da natureza do local, muito têm a dizer sobre a importância de um ambiente que proporcione bem-estar e que, sobretudo, represente uma natureza da qual as pessoas também são integrantes e modificadoras. Em sua entrevista, o presidente do IBRAM mostrou compartilhar da



mesma opinião, pois enquanto o cidadão não conhece o que é um parque, e o que ele representa, seu uso provavelmente será indevido, haverá degradação da natureza e do patrimônio, decorrentes da falta de conhecimento. Mas a partir do momento em que existe a incorporação da comunidade na sua gestão, e esta passa a conhecê-lo, as condições se modificam e o cidadão passa a se sentir parte daquilo que lhe pertence e como consequência, passa a cuidá-lo.

Dessa maneira, as respostas dessa última questão levam a refletir sobre como um espaço pode ser útil para as práticas de lazer quando se tem consciência da importância da preservação, atenção à limpeza, ao zelo do patrimônio público e equilíbrio entre o cumprimento de regras e comunicação ativa entre as partes que compõem todo esse sistema.

### **Breve histórico sobre a criação do Parque**

O Parque é resultado de uma árdua luta da comunidade por melhor tratamento de uma área que fora alvo de especulações imobiliárias e degradações e que sobretudo merecia ser protegida dado seu enorme potencial de favorecer uma melhor qualidade de vida a todos. Foi criado somente em 12 de setembro de 1994 por meio do Decreto 15.900.

Houve um grande interesse pela implantação do Parque da parte de alguns moradores próximos da área. Essas pessoas integravam a S.A.P.O e faziam reuniões que aconteciam na Escola Classe da SQN 415, de acordo com Nailda, diretora da escola. Lá essas pessoas discutiram sobre os mecanismos legais e essenciais para a criação do Parque.

A ideia da criação do Parque teve respaldo na atitude de duas moradoras residentes em quadras próximas do que seria o Parque mais tarde. De acordo com Gomes (2004), Maria Celeste, professora de Educação Física recém-aposentada e Marisa de Góes, engenheira agrônoma entraram em contato com o Fernando, engenheiro florestal formado na Universidade de Brasília e entrevistado nesta pesquisa, que na época trabalhava na Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Distrito Federal, então ainda SEMATEC, e expuseram a importância de se preservar aquela área e criar o Parque. Fernando ouviu atentamente as duas moradoras e informou que a criação de parques era prerrogativa do Poder Legislativo e que era necessário que algum deputado se interessasse pela causa.

O Deputado Distrital Geraldo Magela manifestou interesse e elaborou o Projeto de Lei nº 556/93 que estabelecia que o Parque deveria ser criado na SQN 413/414. Mas como era um Projeto de Lei Autorizativo, ou seja, que autorizava o Poder Executivo a criar o Parque, na prática era mais complicado e talvez fosse um processo demorado. Temerosos de que o Projeto não saísse do papel, Maria Celeste, Marisa de Góes e Fernando Lima criaram a S.A.P.O.

De acordo com Fernando, no início, trazer mais pessoas para a causa não era fácil, pois, para muitos era mais eficaz que tudo ali fosse derrubado, diminuindo a insegurança que uma área desprotegida proporcionava.

Para ele, se a luta se desse hoje talvez não enfrentassem os mesmos entraves daquela época, já que as causas ambientais e demandas por espaços de lazer há alguns anos não tinham a força que têm na atualidade.



## Estrutura Física

Após a luta e pressão da comunidade, hoje o Parque dispõe de uma estrutura bem diferente de alguns anos atrás. O seu perímetro está cercado com alambrado em bom estado e possui três entradas principais e seu horário de funcionamento é das 6h às 19h30min.

Hoje, os frequentadores dispõem de:

[...] uma sede administrativa, um Centro de Educação Ambiental, uma área denominada circuito inteligente onde estão instalados alguns aparelhos para a realização de exercícios físicos, dois banheiros, dois bebedouros, três duchas e um telefone público. Os banheiros, os bebedouros e o circuito inteligente estão em bom estado de conservação. [...]. O POD conta também com um bicicletário com capacidade para 16 bicicletas, que precisa de alguns reparos segundo levantamento feito pela Superintendência de Gestão de Áreas Protegidas do IBRAM (VIANA, 2009, p. 70).

De acordo com o administrador André Mendonça, a Praça da Vitalidade foi interditada em março desse ano, sob o alerta de oferecer risco aos usuários por conta da falta de manutenção e problemas de contrato com a empresa responsável. No entanto, já voltou a funcionar, mas ainda é possível ver pessoas que não atendem à idade para o qual o espaço se destina, utilizando os equipamentos. Talvez maiores problemas nesta Praça pudessem ser evitados se houvesse uma intensificação na sua vistoria.

Aos interessados em cuidar da saúde ou apenas desfrutar de uma natureza cercada pela urbanização,

Por todo parque há uma trilha asfaltada utilizada pelos visitantes para a atividade de corrida ou caminhada com dois quilômetros de extensão. Também são encontradas vias de menor extensão pavimentadas com bloquetes. Ao longo das trilhas estão localizados 83 postes de iluminação [...]; placas informativas e de advertência; 17 bancos ao longo das trilhas em bom estado de conservação (VIANA, 2009, p. 70).

Algumas placas orientam as pessoas no sentido de não utilizar e/ou trazer bicicletas, skates, patins, animais domésticos, redes de descanso e bebidas alcoólicas no Parque. Outras alertam para a proibição do fumo dentro do Parque, pois em 2007 houve um incêndio de médias proporções dentro dele. Segundo o administrador anterior à nova gestão, Ezequias Vasconcelos, todos os administradores de parques do Distrito Federal receberam um treinamento do Corpo de Bombeiros para aprenderem a apagar o fogo. O IBRAM comprou os equipamentos necessários para apagá-lo, como capacetes, abafadeiras e bombas costais (SEMARH, 2008).

No que tange à atenção e cuidado com a limpeza do Parque,

[...] há 18 lixeiras padronizadas estando a maioria delas distribuídas ao longo da trilha, estando todas em bom estado de conservação. A coleta de lixo é feita pela empresa terceirizada Novo Rio e a limpeza geral do parque incluindo a catação e



limpeza do córrego é feita pela Superintendência de Limpeza Urbana. A limpeza da fossa é feita pela Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal e a poda e o aceiro são realizados pela NOVACAP (VIANA, 2009, p. 71).

As atividades que acontecem no Parque sob o conhecimento e autorização da administração tais como canto, yoga, meditação e dança, são agendadas e oferecidas gratuitamente aos visitantes, além de serem proporcionadas por professores voluntários.

Indagados se conheciam ou já haviam participado de alguma atividade promovida no Parque, 86,57% das pessoas responderam negativamente e apenas 6,86% disseram que sim.

Independente do caráter e finalidade da atividade que as pessoas participam, esta carrega consigo significado, o qual não tem um fim em si mesmo, mas que proporciona a participação e a interação nos espaços de lazer.

## **Conclusão**

O convívio em sociedade é um constante exercício de observação, experimentação e, sobretudo, uma maneira de repensar nosso olhar acerca das relações que se estabelece entre a sociedade e o ambiente natural. De acordo com Carvalho (2004), é necessária uma mudança de postura, ou melhor, uma troca das lentes frente à compreensão da natureza como ambiente naturalizado, intocado e distante do homem.

Analizada nessa perspectiva, a natureza, e entenda-se o conjunto homem mais o ambiente que o cerca, é um espaço de múltiplas relações de onde nasce a produção da cultura e de intensa troca de aprendizagens.

O Parque é um espaço que já fora transformado pelo homem, mas que ainda abriga aspectos naturalizados quanto à sua fauna e flora. E, de acordo com outros trabalhos estudados é um local que, além de conservar características do bioma Cerrado, também possui um grande potencial para a prática de atividades de lazer que privilegiem tanto a natureza ali existente quanto o próprio ser humano.

No entanto o Parque se apresenta como um universo de possibilidades para a participação em atividades de lazer, e o que faz desse espaço um emaranhado de significados é a qualidade das relações que os sujeitos estabelecem com o mesmo.

Dessa forma o Parque Olhos D'Água, se constituiem como um espaço de lazer dada a demanda da população que o frequenta assiduamente seja para praticar exercícios físicos ou apenas para conhecê-lo e até mesmo para momentos de reflexão, pois por mais que as pessoas independentemente do nível social e de escolaridade, utilizem dele para diversificados fins, ainda assim consideram-no um ambiente agradável, principalmente pela natureza que o constitui e possibilidades de poderem escolher a atividade que lhes confirmem prazer e bem-estar.

## **Referências bibliográficas**



AZEVEDO, P. H.. As políticas públicas para o lazer elaboradas e desenvolvidas pelo Ministério da Educação. In: SUASSUNA, D.; AZEVEDO, A. A. (Org.). **Política e lazer: interfaces e perspectivas**. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 123-154.

BERNARDES, D. **Sustentabilidade institucional e social de áreas protegidas em centros urbanos**: o caso do Parque Ecológico Mata da Bica em Formosa - Goiás. 2005. 117 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Gestão Ambiental) - UCB, Brasília, 2005. Disponível em: <[http://www.bdtd.ucb.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=924](http://www.bdtd.ucb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=924)>. Acesso em: 27 set. 2009.

CARVALHO, I. C. M.. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

GOMES, C.; PINTO, L. O lazer no Brasil: analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas. In: GOMES, C. et al (Org.). **Lazer na América Latina: tempo livre, ócio y recreación en latinoamérica**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2009. p. 67-122.

GOMES, G. H.. **Parque Ecológico de Uso Múltiplo Olhos D'Água**: situação atual e importância para o lazer da comunidade. 2004. 59 f. Monografia (Especialização em Ecoturismo) - CET, UnB, Brasília, 2004. Disponível em: <<http://bdm.bce.unb.br/handle/10483/383>>. Acesso em: 23 ago. 2009.

HOLMES, R. M.. **Indicadores de risco ecológico na gestão dos parques urbanos do Distrito Federal**. 2008. 60 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Gestão Ambiental) - UCB, Brasília, 2008. Disponível em: <[http://www.bdtd.ucb.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=781](http://www.bdtd.ucb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=781)>. Acesso em: 27 set. 2009.

MARCELLINO, N. C.. Lazer e sociedade: algumas aproximações. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e sociedade**: múltiplas relações. Campinas: Alínea, 2008. p. 11-26.

OLIVEIRA, M. M. G.. **Parque Ecológico e de uso Múltiplo Olhos D'Água**: um estudo de caso como contribuição para o planejamento e a gestão de parques urbanos no Distrito Federal. 2004. 158 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Gestão Ambiental) - UCB, Brasília, 2004. Disponível em: <[http://www.bdtd.ucb.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=146](http://www.bdtd.ucb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=146)>. Acesso em: 27 set. 2009.

SEMARH. **Revitalização do Parque**. Brasília: Semarh, 2008. Disponível em: <[http://www.semarh.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD\\_CHAVE=64961](http://www.semarh.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=64961)>. Acesso em: 30 jul. 2010.

SPEHAR, Mariana Costa; GUEDES, Luíza A. Miguel; SILVA, Manuella Costa da. Percepção dos usuários do Parque Ecológico Olhos D'Água. **Série: Textos de Alunos de**



**CONCOCE / CONDICE 2010**  
IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte  
I Congresso Distrital de Ciências do Esporte  
22 a 25 de setembro de 2010 - Brasília, DF  
**ISSN 2178-485X**



**Psicologia Ambiental**, Brasília, n. 6, p. 1-5, 2001. Disponível em: <<http://www.psi-ambiental.net/pdf/2001Parque.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2009.

SUASSUNA, D. et al. Lazer e meio ambiente: algumas implicações conceituais. In: SUASSUNA, D.; AZEVEDO, A. A. (Org.). **Política e lazer**: interfaces e perspectivas. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 85-103.

VIANA, J. F. C.. **Valoração ambiental do Parque Ecológico e de uso Múltiplo Olhos D'Água como subsídio à sua concessão**. 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Gestão Ambiental) - UCB, Brasília, 2009. Disponível em: <[http://www.bdttd.ucb.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=984](http://www.bdttd.ucb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=984)>. Acesso em: 27 set. 2009.